

NORMAS E INSCRIÇÃO DOS RESUMOS PARA OS GTS - GT-17
(PRESENCIAL): ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: OS SABERES DAS
MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NO BRASIL

“PI’PU”: O SIMBOLISMO DA VAGINA NO POEMA DE SONY FERSECK

Thaiane Gomes De Oliveira (Thaiane@aluno.ueg.br)

A identidade de uma sociedade colonizada é, sem dúvida, uma construção marcada por processos históricos de apagamento cultural. No Brasil, a colonização portuguesa não apenas subjugou os povos indígenas, mas também impôs a cultura europeia para os mesmos. Dessa maneira, a sociedade brasileira, tal como outras sociedades colonizadas, carrega em sua construção identitária as marcas de um sistema de dominação que renega suas raízes originárias.

Pensando nesta questão o presente artigo tratará do simbolismo da vagina, dentro de um contexto de uma sociedade colonizada e para o povo indígena macuxi. Para diversas culturas ao redor do mundo, o corpo feminino, e em particular a vagina, carrega significados profundos relacionados à criação, à fertilidade e ao vínculo com a terra. No entanto, no Brasil, com a chegada do cristianismo e das ideologias colonizadoras, o corpo da mulher, especialmente seus aspectos sexuais e reprodutivos, passou a ser visto com um olhar moralista e regulador. Sob a ótica das religiões dominantes e das normas patriarcais, a vagina, inicialmente associada à fecundidade e ao sagrado, passou a ser encarada como um espaço de impureza, pecado e controle.

É nesse cenário, de um Brasil pós-colonial, marcado pela herança de um processo de colonização que ainda perpassa as dinâmicas sociais de poder e culturais do país, que surge a obra da escritora indígena Sony Ferseck (2022), cuja poesia reflete as complexidades do simbolismo da vagina para as mulheres macuxi. No poema “Pi’pu”, extraído de seu livro *Weiyamî - Mulheres que Fazem Sol* (2022), a autora traz à tona uma reinterpretação da vagina, associando-a à criação, à ancestralidade e à relação intrínseca entre o corpo feminino e a natureza. Desta forma, o presente estudo, busca o simbolismo da vagina na contemporaneidade, evidenciando não apenas uma construção de gênero e moral, mas também ao que se entrelaça com questões de identidade e ancestralidade.

Esta pesquisa analisa o poema, buscando compreender a simbologia da vagina na literatura indígena. A investigação se apoia em teorias de identidade, como Judith Butler (1999) e Kathryn Woodward (2014), além das reflexões poéticas de Maria de Fátima Gonçalves Lima (2020) e José Guilherme Merquior (1997), para fundamentar a leitura simbólica e crítica do poema.

Palavras-chave: indígena; identidade; poética; simbologia; vagina.